

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAMPUS JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

STEPHANIE DE CARVALHO OLIVEIRA

Formação Docente na primeira infância: uma análise da produção de conhecimento

JUIZ DE FORA - MG

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAMPUS JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

STEPHANIE DE CARVALHO OLIVEIRA

Formação Docente na primeira infância: uma análise da produção de conhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Federal
de Juiz de Fora, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra Núbia Aparecida
Schaper Santos

JUIZ DE FORA - MG

2025

Agradecimentos

Chegar até aqui não foi nada fácil, foram meses de dedicação, incertezas e muitos momentos de dúvida. Mas se hoje estou concluindo essa etapa, é porque tive ao meu lado pessoas incríveis que fizeram toda a diferença nessa jornada.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, que sempre abdicaram do que não tinham para me dar aquilo que nunca tiveram. O esforço de vocês, especialmente neste último ano, foi fundamental para que eu pudesse chegar até aqui. Sem o apoio incondicional, os conselhos e a força que sempre me deram, com certeza essa conquista não seria possível.

Ao meu namorado, que esteve ao meu lado em todos os momentos, me ouvindo, me apoiando e me ajudando sempre que precisei. Obrigada por suportar meus surtos de insegurança, por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava de mim mesma e por me lembrar sempre que eu era capaz, seu apoio fez toda a diferença.

À minha orientadora, que não me deixou desistir, que com suas palavras de carinho e incentivo me fez seguir até o fim. Sua paciência, dedicação e auxílio foram essenciais para que essa pesquisa se tornasse realidade. Serei eternamente grata por todo aprendizado.

E, claro, às minhas fiéis companheiras de quatro patas, que nos momentos de exaustão, quando tudo parecia pesado demais, foram elas que estiveram ao meu redor, me oferecendo aquele abraço silencioso e cheio de amor que só quem tem um animal de estimação entende.

A cada um de vocês, meu mais sincero obrigada. Essa conquista também é de vocês.

*“Ver o sonho realizado só depende de você” -
Filme A Princesa e o Sapo.*

Resumo

Atuar com bebês de 0 a 3 anos é um tema de relevância no cenário das políticas educacionais e da sociedade de maneira geral. A formação docente, por esse motivo, tem sido tema de discussão nos encontros acadêmicos e tem crescido consideravelmente nas publicações de natureza científica. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo compreender um recorte da produção acadêmica publicado no GT 07 – Educação de 0 a 6 anos, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação - ANPED. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que analisou a produção acadêmica sobre a formação docente para o trabalho com bebês, focando em 10 artigos específicos da referida área. Foram elaborados resumos comentados desses trabalhos destacando o objetivo do estudo e os principais pontos abordados. A ideia é compreender os desafios que as professoras enfrentam no dia a dia ao trabalhar com bebês, além das concepções que sustentam a prática educacional. Esse estudo se apoia em autores e autoras que destacam como é essencial compreender o bebê como um sujeito ativo no próprio processo de aprendizagem, também se discute a relação entre cuidar/educar, mostrando que essas dimensões não devem ser vistas separadamente. Outro ponto importante é a influência do ambiente pedagógico no processo de aprendizagem, além da perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um documento que orienta as práticas pedagógicas. Por fim, o estudo mostra que ainda há um grande caminho a ser percorrido, o ensino superior nem sempre consegue preparar as futuras professoras para os desafios do cotidiano com bebês, o que reforça a necessidade de repensar tanto os currículos acadêmicos quanto às oportunidades de formação continuada. Valorizar essa etapa da educação significa garantir um atendimento mais qualificado e respeitoso para bebês e crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; Formação docente; Anped

Sumário

1. Introdução	7
2. Referencial Teórico	9
2.1 Revisão de Literatura	10
2.2 Justificativa das Escolhas Teóricas	12
3. Discussão Teórica	13
4. Metodologia	19
5. Análise de dados	21
5.1 Comparação	29
6. Consideração final	32
7. Referências	33

1. Introdução

Desde que iniciei minha jornada na educação e comecei a estagiar na creche, tenho notado uma questão: o medo e a insegurança que muitas professoras, especialmente as mais jovens na carreira, demonstram ao lidar com turmas de berçário e creche, foi daí que nasceu essa pesquisa. A Educação Infantil, a meu ver, sempre foi vista como uma fase cheia de brincadeiras, cores e interações, mas, por trás desse cenário, existe um desafio pouco falado, a formação e a prática das professoras que atuam com bebês e crianças bem pequenas. Ensinar nessa fase não é simplesmente entreter ou cuidar, como muitos ainda pensam, mas sim um trabalho complexo.

O grande problema é que muitas professoras chegam às creches e berçários sem se sentirem preparadas. Em um estágio que fiz, por exemplo, ouvi uma professora recém-contratada falando sobre o quanto se sentia insegura por não saber direito como estimular os bebês, manter a atenção deles ou fazer com que as atividades realmente funcionassem. Sabemos que não é assim que funciona, e que cada criança tem o seu próprio tempo e sua maneira de explorar o mundo, mas vendo de fora, é fácil julgar. A verdade é que, mesmo ela tendo estudado desenvolvimento infantil na faculdade, a realidade da sala de aula é outra. A prática é cheia de imprevistos e lidar com isso sem uma base certa, pode ser assustador.

Os cursos de Pedagogia, geralmente, dão muito mais atenção ao ensino fundamental do que para a Educação Infantil, especialmente os bebês. Como resultado disso, as professoras acabam enfrentando o desafio de aprender na prática, na base da tentativa e erro, sem ter uma base sólida que as ajude a lidar com o dia a dia das crianças pequenas. A insegurança vem de um misto de pouca experiência com uma formação que muitas vezes, não as preparou o suficiente.

Quando uma professora pouco segura assume uma turma de bebês sem apoio adequado, essa insegurança pode influenciar na qualidade das interações. O medo de errar acaba travando muitas profissionais e sem querer, isso pode fazer com que essa profissional adote uma postura mais rígida, controlando as crianças e limitando a autonomia delas. Quando isso acontece, as chances de aprendizagem diminuem, porque as crianças aprendem explorando, testando e brincando livremente.

Por isso, discutir a formação e as práticas docentes na primeira infância não é só um debate acadêmico ou algo distante da realidade, deve ser uma conversa essencial para que as professoras se sintam mais seguras e preparadas para proporcionar uma educação que

realmente faça a diferença. A questão é que ter o conhecimento teórico sobre desenvolvimento infantil é importante, mas se a prática não acompanhar, o medo de errar pode acabar tomando conta. É exatamente esse o ponto central da pesquisa: quais são os desafios enfrentados pelos professores ao atuar com bebês de 0 a 3 anos na Educação Infantil? Será que a formação inicial realmente dá conta de prepará-los?

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente será apresentada a revisão teórica que reunirá as principais referências sobre o assunto, fornecendo uma base conceitual. Em seguida, na discussão teórica, serão discutidos diferentes conceitos, abordagens e estudos já existentes sobre o tema de forma crítica. A metodologia virá logo depois, explicando os procedimentos adotados para a realização da pesquisa.

A análise irá apresentar os achados do estudo, ela buscará destacar os aspectos mais relevantes, apontando tendências e padrões. Por fim, nas considerações finais, serão retomados os principais pontos discutidos ao longo do trabalho e uma sintetização das descobertas.

2. Referencial Teórico

Ensinar bebês e crianças bem pequenas não é apenas seguir um roteiro bem detalhado, é mergulhar em um mundo complexo onde cada choro carrega um sentido, cada olhar tem uma razão e cada toque constrói um vínculo.

A professora que inicia nessa jornada pode sentir um frio na barriga por uma série de motivos como: responsabilidade; adaptação; lidar com as famílias; criar vínculo; planejamento; cansaço físico e emocional; e muitos outros. O medo e a incerteza fazem parte do processo, mas ensinar bebês não é apenas uma questão técnica, é também sobre presença, escuta e entrega, é uma experiência humana e emocional. De acordo com Maria Carmen Barbosa “educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças” (BARBOSA, 2010, p.5). Diante disso, surge uma necessidade de repensar a formação inicial dos educadores, considerando as contribuições de abordagens antropológicas e culturais.

Pesquisadores como Alma Gottlieb destacam a importância de reconhecer os bebês como sujeitos ativos, agentes sociais que participam da construção de seus mundos, “se até mesmo os bebês modelam ativamente a vida das pessoas à sua volta, contribuindo para a constituição de seus mundos sociais, certamente deve haver uma lição para nós” (GOTTLIED, 2009, p. 327). Essa perspectiva desafia visões mais tradicionais que tratam os bebês como seres passivos e sugere que as professoras devem estar preparadas para valorizar a agência e o protagonismo dessas crianças em suas práticas pedagógicas.

Conforme Juliana Lima da Silva, “a formação de professores para a Educação Infantil carece de discussão, estudos e aprofundamento” (SILVA, 2000, p.141). Não basta aprender somente sobre desenvolvimento infantil, é preciso também, compreender a complexidade dessa fase, a junção entre cuidado e aprendizado e o impacto de um ambiente bem organizado nas experiências das crianças. Sem compreender essa interseção, professoras iniciantes acabam optando por fazer atividades que não exploram o essencial como a brincadeira, a interação social e o desenvolvimento cognitivo, princípios defendidos por grandes destaques da pedagogia como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Emilia Ferreiro.

Outro ponto importante é a inclusão. O berçário ou a creche precisa ser um espaço onde todas as crianças se sintam acolhidas, desafiadas e seguras para explorar o mundo, isso exige profissionais preparados para lidar com diferentes realidades e formas de existir.

2.1 Revisão de Literatura

Nos últimos tempos, mudanças ocorreram quando se fala sobre a formação de professoras e como elas atuam na primeira infância. Dá para perceber que entender esse universo envolve olhar para diferentes perspectivas como a antropológica, que analisa o desenvolvimento humano e os contextos sociais, a pedagógica, que foca nas estratégias e métodos de ensino, e a cultural, que mostra como as vivências das crianças influenciam o aprendizado.

Ao longo deste capítulo, vamos aprofundar essas contribuições teóricas, conhecendo pesquisadores que dedicaram seus trabalhos a investigar os desafios que as professoras enfrentam, mas também as inúmeras possibilidades que surgem quando a prática é repensada com sensibilidade para novas ideias.

Alma Gottlieb em *Para onde foram os bebês? Em Busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores)*, introduziu o conceito de antropologia dos bebês, desafiando as visões ocidentais que frequentemente consideram os bebês como seres dependentes. Sua pesquisa enfatiza que os bebês são sujeitos sociais ativos e culturais, cujas experiências e protagonismo têm um papel significativo na modelagem da vida social ao seu redor. Gottlieb desafia essa visão tradicional ao afirmar que “a suposta dependência total dos bebês... desafia a nossa ideologia implícita de que bebês são criaturas passivas” (GOTTLIED, 2009, p.321). Ela também discute a relação entre biologia e cultura, propondo que os educadores reconheçam essa agência infantil desde cedo, ajustando suas práticas para valorizar essa participação ativa dos bebês na aprendizagem.

Maria Carmen Barbosa em *Especificidades da ação pedagógica com os bebês*, destaca a importância de uma pedagogia específica para bebês, baseada na escuta atenta e na compreensão das diferentes formas de expressão dos bebês. Para ela, o ambiente educativo precisa equilibrar segurança e estímulo à curiosidade. Barbosa reforça que “as propostas pedagógicas dirigidas aos bebês devem ter como objetivo garantir às crianças acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens” (BARBOSA, 2010, p.5). Para ela, cada interação no contexto educativo conta, e o grande desafio está em respeitar o ritmo e as particularidades de cada criança.

O Caderno 1 da Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil em *Ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender*, aborda a formação cultural como um elemento essencial para enriquecer a prática docente na Educação Infantil. O texto enfatiza que essa formação deve ir além do acúmulo de saberes teóricos, é preciso trazer experiências culturais que ampliem as percepções de mundo tanto dos professores quanto das crianças. A

proposta de integrar diferentes formas de expressão cultural, como música, teatro e dança, tende a promover uma educação mais lúdica às experiências das crianças. É abordado no caderno 1, que

a literatura, como produção cultural fundamental, deve ser apresentada às crianças desde bebês, tanto em razão de suas possibilidades de favorecer a fantasia, capacidade fundamental no desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças, quanto como forma de criar relação com a língua escrita de forma significativa e prazerosa. (Caderno 1, Coleção Leitura e escrita na educação infantil, p.74).

Esse tipo de abordagem também ajuda a reduzir a insegurança das professoras e acaba fortalecendo sua confiança ao enfrentar os desafios do cotidiano na escola.

Patrícia Maria Reis Cestaro em *Olhares para a formação dos cursos de Pedagogia das IES privadas de Juiz de Fora/MG: desdobramentos para o lugar da docência na creche*, na seção *formação das professoras da creche: apontamentos a partir das produções acadêmicas*, analisou a formação de professoras que atuam com crianças de 0 a 3 anos e identificou falhas nos currículos de Pedagogia. Sua pesquisa destaca a ausência de uma formação específica que contemple as particularidades do trabalho com bebês. A autora afirma que “há uma necessidade da presença de conhecimentos teóricos e metodológicos específicos da faixa etária” (CESTARO, 2019, p.70).

Juliana Lima da Silva em “*Formação inicial docente: com a palavra, as professoras da creche*”, investigou a formação inicial de professores de Pedagogia, destacando uma distância entre teoria e prática nos currículos acadêmicos. Sua pesquisa revela que as disciplinas obrigatórias frequentemente esquecem as especificidades do trabalho com crianças pequenas, gerando insegurança entre os novos profissionais. Além disso, a falta de apoio pedagógico e de recursos nas instituições de ensino também agrava o problema, para ela, repensar a formação inicial é essencial para preparar os educadores para os desafios reais do cotidiano escolar.

Adrianne Ogêda Guedes, Anelise Nascimento, Débora do Carmo, Glacione Ribeiro da Silva Arruda, Michelle Dantas Ferreira e Nazareth Salutto em *Sobre Constituir-se Docente da Educação Infantil: Potências em Experiências de Formação* propõem uma formação docente mais reflexiva. Elas destacam como a disciplina optativa “Bebês e crianças pequenas: concepções e práticas em debate” tem sido um espaço importante para futuros educadores revisitarem suas próprias experiências e conectá-las à sua prática pedagógica. A proposta de atividades como a “carta para a criança que fui” é mencionada como estratégias que favorecem essa conexão de ajuda aos professores a se colocarem no lugar das crianças. A

pesquisa reforça a ideia de que para educar, é preciso entender a infância de maneira mais ampla e menos presa a modelos tradicionais.

Ivone Garcia Barbosa em *Educação Infantil e Formação de Professores: Relações e Contradições Entre Trabalho, Formação e Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* problematiza a relação entre a formação docente e a BNCC e evidencia as contradições que surgem com a tentativa de padronização da educação infantil. Ela critica a imposição de um currículo único, argumentando que essa abordagem pode perpetuar desigualdades e limitar a diversidade cultural das crianças. Barbosa diz que a reflexão sobre a formação docente deve incluir a discussão sobre a autonomia dos educadores e a relevância de se considerar as especificidades das crianças e das suas comunidades, ela afirma que

a formação, então, não só deve implicar na aprendizagem de conteúdos e conceitos, mas, sobretudo, de valores, princípios e revisões críticas sobre o sistema capitalista e o lugar social e cultural que ocupam, inclusive como professores, resgatando o autoconceito positivo destes e de suas ações.” (Barbosa, 2019, p.9).

A análise desses textos deixam claro que a infância precisa ser valorizada, assim como o papel das professoras que atuam nessa etapa. Um dos pontos que mais chamam atenção é o grande abismo entre o que se aprende na formação teórica e o que, de fato, acontece no dia a dia da sala de aula, tornando mais difícil saber como transformar conceitos em práticas reais.

Outro aspecto essencial é enxergar a criança como protagonista do próprio aprendizado. Ou seja, ela não está ali apenas para absorver informações passivamente, mas sim para construir conhecimento a partir das experiências e interações que vivencia. Para que isso aconteça de maneira significativa, a formação docente precisa ir além do básico, preparando os educadores para criar um ambiente sensível, que respeite as particularidades de cada criança e valorize a diversidade.

2.2 Justificativa das Escolhas Teóricas

A escolha dos referenciais teóricos para este estudo está diretamente ligada ao objetivo da pesquisa: analisar como a formação inicial influencia a prática das professoras na Educação Infantil, especialmente no trabalho com bebês, identificando desafios e possíveis melhorias para garantir uma educação de qualidade. Os estudos selecionados ajudam a enxergar a primeira infância como um período de protagonismo e destacam a necessidade de formação específica e sensível para essa etapa.

No fim, a ideia é que essa discussão contribua para valorizar ainda mais a educação infantil. Se as professoras estiverem mais preparadas e confiantes, as crianças terão experiências mais ricas e significativas, garantindo um desenvolvimento mais pleno e respeitoso.

3. Discussão Teórica

Ao longo deste texto vimos que para que a Educação Infantil realmente cumpra seu papel, é preciso investir numa formação que vá além da teoria. Claro, entender a psicologia do desenvolvimento, abordagens pedagógicas e os direitos da criança é essencial. Mas, sem a experiência prática, tudo isso acaba caindo por terra e ficando no campo das ideias, perdendo muito do seu impacto no dia a dia. Por exemplo, pense em uma professora que conhece bem as ideias de Vygotsky, que falava sobre como as interações sociais são fundamentais para o aprendizado, se ela nunca tiver a chance de observar isso acontecendo de verdade ou de experimentar estratégias para estimular essas interações, esse conhecimento corre o risco de permanecer só na teoria, sem se manifestar em ações dentro da sala de aula. Juliana Lima da Silva faz um relato que elucida esse ponto, ela diz que

Com o tempo, com observação, com o fazer diário e com a convivência entre as profissionais, com leituras e algumas formações em contexto que aconteciam na própria instituição, minha compreensão sobre o meu papel, na condição de professora de bebês, foi ganhando um novo desenho e, a partir de então, meu trabalho passou a ter sentido. (Silva, 2000, p.16).

Foi durante o estágio que pude notar como as crianças pequenas aprendem umas com as outras. Em uma atividade de pintura, por exemplo, a professora pediu para uma criança jogar o lenço fora, com isso ela descobriu que apertando o pedal do lixo a tampa sobe, outra criança ao observar o processo, imitou e experimentou por conta própria, pude constatar ali que esse tipo de aprendizado acontece.

Muitas vezes, como já mencionado, ainda persiste a visão de que os bebês são seres passivos, que apenas reagem ao ambiente, mas eles são participantes e ativos na construção do próprio aprendizado, observando, imitando, experimentando e testando hipóteses desde os primeiros meses de vida. Maria Carmen Barbosa fala que os bebês

são dotados de um corpo no qual afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados, e é a forma particular como esses elementos se articulam que vai

definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história (BARBOSA, 2010, p.2).

Um exemplo claro disso são os vários vídeos na mídia, onde bebês estão tentando encaixar peças geométricas em seus devidos lugares, eles testam, erram, tentam de novo, olham para a pessoa de conforto expressando diversas emoções, um processo que revela não apenas a busca pelo aprendizado, mas também a necessidade da interação social. Como destaca Barbosa, “os bebês aprendem observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando, e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, desse modo, a cultura” (BARBOSA, 2010, p. 3).

Diante dessa realidade, o papel da professora de Educação Infantil vai muito além de cuidar e entreter, ela deve ser uma mediadora, incentivando a exploração, o diálogo e a construção do conhecimento de forma significativa.

Um outro ponto que também precisa ser discutido é como a Educação Infantil ainda é deixada em segundo plano na maioria dos cursos de Pedagogia, isso, de alguma forma, tem consequências diretas na formação de novas profissionais, essas que muitas vezes chegam às creches sem saber exatamente o que fazer e como é a prática no dia a dia. Esse discurso também foi discutido por Juliana Lima da Silva que fala que “a E.I, principalmente a creche, fica em segundo plano, é pouco discutida ou, quando se procede a uma discussão, esta costuma ser feita de modo superficial ou breve”(Silva, 2000, p.111).

A maioria dos cursos oferece apenas uma visão geral, sem aprofundamento, como resultado disso a formação acaba priorizando conteúdos voltados para o Ensino Fundamental, deixando lacunas importantes quando se trata da primeira infância, como é concluído por Patrícia Maria Reis Cestaro quando ela fala que “há uma predominância da formação para os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, permanecendo, em uma posição de segunda ordem, a formação da professora da EI,” (Cestaro, 2019, p.36). Isso faz com que muitas professoras não percebam, por exemplo, como o cuidado e a educação estão completamente interligados nessa fase. Pensa em um bebê tentando alcançar um brinquedo e não conseguindo, uma professora que teve uma formação mais atenta a essa fase, não apenas entregaria o objeto, mas incentivaria o bebê a tentar diferentes formas de pegá-lo, estimulando a sua autonomia e o seu raciocínio, isso é a teoria de Vygotsky na prática, quando a professora atua como mediadora, ajudando a criança dentro da sua zona de desenvolvimento proximal. Mas, sem uma formação prática consistente, muitos acabam subestimando o potencial dos bebês e limitando as interações com eles.

Algo que percebi tanto em conversas com colegas, quanto nas experiências dos estágios é que professoras da Educação Infantil também enfrentam dificuldades dentro das próprias escolas em que trabalham. A falta de uma supervisão pedagógica e de oportunidades de formação continuada faz com que muitas delas se sintam sozinhas, sem ter com quem trocar experiências, tirar dúvidas ou buscar apoio para aprimorar suas práticas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pode ser uma aliada importante para professoras recém-formadas, já que trouxe avanços significativos para a Educação Infantil. Mas, ao mesmo tempo, ela também apresenta desafios como a padronização das práticas pedagógicas, que nem sempre considera as individualidades de cada criança e a diversidade das realidades escolares.

O problema é que, ao estabelecer expectativas de aprendizagem de forma generalizada, corre-se o risco de ignorar que cada bebê tem seu próprio ritmo de desenvolvimento. Tem crianças que começam a andar bem cedo, enquanto outras já falam as primeiras palavras antes mesmo de dar os primeiros passos, e está tudo bem, o problema é quando a professora fica presa à ideia de que existe um padrão a ser seguido e acaba enxergando só o que “falta”, em vez de perceber as potencialidades que ela já tem. Pesquisas como a de Alma Gottlieb mostram que em muitas culturas, as fases do desenvolvimento não seguem uma linha temporal rígida, mas se adaptam ao contexto e às experiências da criança, o que reforça a importância de olhar para as singularidades de cada um.

Ao falar de aprendizagem, é impossível não falar sobre o brincar, porque brincar não é só passar o tempo, é quando a criança está desenvolvendo habilidades essenciais. Mesmo assim, em muitas escolas, o brincar ainda é visto como tempo livre, quase sem valor, quando na verdade, é uma das formas mais ricas de aprender sobre si mesma e sobre o mundo.

Um exemplo bem clássico disso que observei no estágio foi quando vi um grupinho de 3 crianças brincando de faz de conta em uma cozinha de madeira. À primeira vista, pode parecer apenas uma cena bonita, mas, na verdade, ali aconteciam várias aprendizagens importantes, as crianças negociam papéis, constroem narrativas, praticam a comunicação e experimentam diferentes emoções.

No entanto, há instituições que, pressionadas por resultados ou pela necessidade de mostrar atividades mais formais aos pais, acabam reduzindo o tempo de brincadeira para dar lugar a fichas de atividades ou exercícios estruturados. O problema é que ao fazer isso, estão indo contra as próprias diretrizes da BNCC.

Nem toda brincadeira é igual e é importante entender a diferença entre a brincadeira estruturada e a brincadeira livre. A primeira tem um objetivo definido pela professora. Um

exemplo clássico disso é quando a professora pede para as crianças organizarem objetos de diferentes tamanhos para explorar noções de grandeza e proporção. Já na brincadeira livre, a criança decide o que e como brincar, sem uma intervenção direta do adulto.

As duas são importantes, porém, muitas vezes, a brincadeira livre acaba sendo deixada de lado porque não parece ser “produtiva”. Só que é justamente nesse tipo de brincadeira que as crianças vão explorar o mundo no próprio ritmo.

No meu estágio era bem comum ver algumas crianças brincando com a caixa de guardar os brinquedos, elas jogavam todos os brinquedos no chão e transformavam a caixa em um carro. Isso me chamava muito a atenção pelo fato de ter vários brinquedos ali dentro que elas não davam a mínima importância, isso demonstra como elas aprendem explorando o mundo ao seu redor, algo que de maneira nenhuma pode ser substituído por atividades dirigidas o tempo todo.

Para que o brincar seja realmente valorizado, a professora precisa fazer uma ação de orientar. Isso não significa controlar a brincadeira, mas estar atento às interações e saber quando intervir para ampliar o aprendizado.

O ambiente em que a criança aprende é tão importante quanto os conteúdos e as interações que ocorrem dentro dele, um espaço convidativo não apenas facilita a aprendizagem, mas também estimula a autonomia. Por outro lado, salas tradicionais, com carteiras enfileiradas e poucos recursos, podem limitar o movimento, a interação e até mesmo a curiosidade que é natural das crianças. Maria Carmen Barbosa afirma isso quando fala que “os ambientes, quando bem pensados e propostos, incitam as crianças a explorar, a serem curiosas, a procurar os colegas e os brinquedos, isto é, elas podem escolher de modo autônomo” (BARBOSA, 2010, p.8).

Eu acredito que a sala de aula precisa ser um espaço onde as crianças possam ter liberdade para explorar, com cantinhos organizados com o que a escola puder oferecer, desde que esteja ao alcance dos pequenos, assim, eles podem escolher com o que querem brincar. Mas, quando tudo fica trancado em armários ou colocado em prateleiras altas, as crianças dependem do adulto para pegar qualquer coisa, isso limita as chances de descobertas espontâneas, que muitas vezes surgem justamente quando elas podem mexer, experimentar e se encantar com o que encontram ao redor.

Muitas escolas ainda seguem o modelo tradicional de ensino, com carteiras enfileiradas voltadas para um quadro. Esse tipo de organização, comum em séries mais avançadas, não favorece a Educação Infantil. Bebês e crianças pequenas precisam de movimento, interação e contato com diferentes estímulos para aprender.

Durante os estágios, foi possível perceber a diferença entre um ambiente tradicional e um ambiente mais dinâmico, presenciei cenários diferentes onde em uma sala as crianças passavam a maior parte do tempo sentadas, e as interações eram mínimas, quase que precisando ser direcionadas pela professora, sem muitas oportunidades de iniciativa própria. Já em outro ambiente, havia mais espaços sem nenhuma mesa ou cadeiras, onde as crianças naturalmente exploravam os espaços, interagiam entre si, brincavam, observavam, criavam situações... Elas adotavam diversas formas de experimentação.

O problema é quando essa “liberdade” traz uma sensação de perda de controle, o que aconteceu nessa experiência. Isso reforça mais uma vez a importância de professoras não apenas conhecerem a teoria, mas também terem oportunidades para aplicá-la na prática, pois essa situação de exploração do ambiente foi interpretada como indisciplina, quando na verdade, representa uma concepção diferenciada de bebê/criança. Uma concepção que aposta na autonomia e nas relações como possibilidade de aprendizagem.

Para reforçar que a formação de professoras deve prepará-las para lidar com a imprevisibilidade e a espontaneidade do aprendizado infantil, Adriana e colegas falam que

idéia de ‘acontecimento’ como a necessidade de considerar que não há como manter um controle estrito do processo de ensinar e aprender. As experiências, encontros, trocas diversas que se dão no âmbito das práticas educativas são espaços da surpresa, do imprevisto, daquilo que nos escapa a uma previsão e que, por isso mesmo, nos leva a um movimento de permanente deslocamento” (GUEDES; NASCIMENTO; CARMO; ARRUDA; FERREIRA; SALUTTO, 2019, p.3).

A professora tem um papel fundamental na organização do ambiente, ela deve pensar no espaço como um terceiro educador, ou seja, um elemento que ensina tanto quanto as interações e os materiais disponíveis, a sala deve permitir diferentes formas de exploração.

Outro desafio ainda enfrentado pelas profissionais dessa área, é essa visão antiga que associa o trabalho com bebês à feminilidade. Por muito tempo, cuidar de crianças pequenas foi visto como uma extensão natural da maternidade, o que acabou desvalorizando a profissão e precarizando as condições de trabalho e por mais que a gente já tenha avançado, essa herança histórica ainda pesa. A Educação Infantil segue sendo tratada, muitas vezes, como um espaço de cuidado básico, alimentar, trocar fraldas, garantir a segurança, quase como se isso fosse algo simples e intuitivo, sem necessidade de formação especializada.

Durante minha trajetória de aprendizado teórico e prático, vi de perto como essa visão ainda está enraizada. Já ouvi frases como “Ah, você só vai cuidar dos bebês”, como se o trabalho se resumisse a supervisionar, mas a realidade é bem diferente. Além de cuidar, a

professora precisa estimular, promover interações, observar o desenvolvimento de cada criança e ao mesmo tempo, garantir que todos estejam seguros. Imagina fazer tudo isso com uma turma grande e sem apoio suficiente? É cansativo e desgastante.

Essa forma de enxergar esse trabalho como uma continuação do cuidado materno, acaba desvalorizando a profissão, refletindo nos salários mais baixos, nas turmas cheias, na falta de estrutura e pior, na crença equivocada de que ensinar crianças pequenas é mais simples ou exige menos preparo do que trabalhar com crianças maiores. Mas quem já entrou numa sala de creche, sabe que a realidade é bem diferente.

É necessário mudar essa visão de forma urgente, isso precisa acontecer em todos os espaços, dentro das famílias, entre os gestores, na sociedade e até mesmo entre os próprios profissionais da educação. Porque quando a gente realmente entende a importância do trabalho na primeira infância, fica evidente que esses educadores não só merecem, mas dependem de uma formação mais completa, condições dignas para atuar e principalmente, reconhecimento pelo impacto transformador que têm na vida das crianças.

4. Metodologia

Este estudo se dedicou à análise de artigos publicados no Grupo de Trabalho (GT) 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), que se concentra na Educação Infantil. A escolha desse GT se justifica pela sua relevância no debate sobre as práticas e políticas educacionais para a primeira infância. A abordagem adotada nesta pesquisa é de caráter qualitativo, com ênfase na análise de documentos.

O primeiro passo da pesquisa foi a seleção de um conjunto de 10 artigos publicados nos anais da ANPEd, todos voltados para a formação docente na Educação Infantil, com foco no trabalho com bebês. Os artigos analisados foram:

- “Desafios atuais da Educação Infantil e da qualificação de seus profissionais: onde o discurso e a prática se encontram?”, de Ana Paula Soares Silva e M. Clotilde Rossetti-Ferreira;
- “As identidades de educadoras de crianças pequenas: um caminho do ‘eu’ ao ‘nós’”, de Marineide de Oliveira Gomes;
- “O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais”, de Heloisa Helena Oliveira de Azevedo e Roseli Pacheco Schnetzler;
- “Concepções e práticas de educadoras da pequena infância: em foco as fontes de saberes para o trabalho docente”, de Marynelma Camargo Garanhani;
- “A gente é muita coisa para uma pessoa só: desvendando identidades de ‘professoras’ de creches”, de Tereza Cristina Monteiro Cota;
- “Educação da Pequena Infância: Um Olhar sobre a Formação Docente”, de Moema de Albuquerque Kiehn;
- “O PROINFANTIL e a formação dos agentes auxiliares de creche do município do Rio de Janeiro”, de Marina Pereira de Castro e Souza;
- “Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?”, de Ana Paula Rudolf Dagnoni;
- “As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras?”, de Tacyana Karla Gomes Ramos;
- “Professoras de Educação Infantil: uma análise da configuração da docência no contexto catarinense”, de Márcia Buss-Simão.

Após essa escolha, foi realizada uma leitura de cada artigo, seguida da elaboração de resumos comentados. Esses resumos buscaram destacar três aspectos principais: o objetivo do

estudo, ou seja, qual questão central os autores se propuseram a investigar; os principais pontos abordados, como teorias utilizadas, metodologias aplicadas e resultados alcançados; e uma síntese no final que resume a contribuição de cada artigo para o tema.

Com os resumos concluídos, a etapa seguinte consistiu em uma análise comparativa entre os 10 artigos, visando identificar convergências e padrões entre as pesquisas. O foco dessa análise foi reconhecer temas recorrentes, metodologias mais adotadas e semelhanças nas conclusões apresentadas pelos autores. Consequentemente compreender quais aspectos são mais enfatizados sobre a formação de professoras para a atuação com bebês.

5. Análise de dados

O artigo *Desafios atuais da Educação Infantil e da qualificação de seus profissionais: onde o discurso e a prática se encontram?* de Ana Paula Soares Silva e M. Clotilde Rossetti-Ferreira, publicado em 2007, traz uma discussão essencial sobre os avanços e os desafios da Educação Infantil no Brasil. O estudo foi divulgado nos Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED em Caxambu.

Um dos pontos levantados por Silva e Rossetti-Ferreira é o reconhecimento da creche como um direito fundamental não só da criança, mas também da família, esse avanço ganhou força com a Constituição de 1988, que estabeleceu a Educação Infantil como uma etapa essencial. Todavia, há uma grande diferença entre a teoria e a realidade, na prática, muitas instituições ainda enfrentam dificuldades estruturais e a falta de profissionais qualificados se tornou um dos principais desafios para garantir um ensino de qualidade.

Outro ponto abordado pelas autoras é o espaço que a Educação Infantil vem conquistando, mas independente disso a desigualdade ainda continua. Crianças de classes populares são as mais afetadas pela discrepância entre o discurso oficial e a realidade cotidiana das escolas, isso acontece porque a implementação das políticas públicas nem sempre ocorre de forma equilibrada, gerando um cenário em que algumas instituições recebem mais suporte do que outras. As autoras destacam que um dos caminhos para reverter esse quadro é investir na formação dos educadores, já que o nível de preparo dos professores influencia diretamente a qualidade do ensino, mas também não basta apenas conhecer os conteúdos, é fundamental que esses profissionais desenvolvam habilidades socioemocionais para atender as necessidades das crianças e estabelecer um ambiente acolhedor e estimulante.

Esse estudo traz um alerta para um erro comum nas políticas educacionais brasileiras, que é a simples adaptação de modelos estrangeiros sem considerar o contexto local, o que funciona em um país pode não fazer sentido em outro, por isso, é essencial que as soluções sejam pensadas de acordo com a realidade brasileira, valorizando o conhecimento dos educadores que estão diariamente em sala de aula.

Em síntese, Silva e Rossetti-Ferreira reforçam a importância de consolidar um novo perfil profissional para a Educação Infantil, isso significa reconhecer a experiência dos professores, investir em capacitação contínua e transformar os avanços legais em mudanças concretas dentro das escolas. Isso é mais do que um direito garantido por lei, a Educação Infantil de qualidade precisa ser uma realidade acessível a todas as crianças, independentemente de sua origem socioeconômica.

O artigo *As identidades de educadoras de crianças pequenas: um caminho do “eu” ao “nós”*, de Marineide de Oliveira Gomes, publicado em 2003, traz uma reflexão essencial sobre como professoras da Educação Infantil constroem sua identidade profissional ao longo da carreira. O estudo foi defendido na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Gomes revela que essa identidade não emerge de forma instantânea, mas sim, é um processo que se modifica ao longo do tempo, configurado tanto pelas vivências pessoais quanto pelo ambiente de trabalho. Desde o estágio até o exercício da profissão, as educadoras lidam com desafios que vão além do ensino, como a falta de reconhecimento, a sobrecarga e muitas vezes, uma formação inicial que não as prepara completamente para a realidade da sala de aula. Essa desconexão acaba gerando uma crise de identidade profissional, que é um sentimento de incerteza sobre o próprio papel na Educação Infantil.

Para entender melhor esse processo, a pesquisa adota a Pesquisa-Ação-Colaborativa, uma metodologia que incentiva a troca de experiências e a reflexão sobre a prática. Adota também o uso de narrativas que permite que cada colaboradora conte sua trajetória de forma mais pessoal e profunda.

Um dos pontos mais interessantes do estudo é a relação direta entre teoria e prática na construção dessa identidade. O conhecimento técnico adquirido na formação é importante, mas são as experiências diárias que realmente firmam a identidade profissional das educadoras. O problema é que muitas vezes, essa troca de experiências fica em segundo plano, seja pela rotina ou pela falta de espaços de diálogo dentro das instituições.

A autora também discute a influência do gênero na Educação Infantil, abordando que o trabalho das educadoras ainda carrega marcas de uma visão histórica que associa o cuidado com crianças à figura feminina. Esse debate abre caminho para repensar políticas que valorizem essas profissionais.

Em síntese, o estudo vai além da análise acadêmica. Ele propõe algo essencial: mais diálogo, mais colaboração e mais valorização para as educadoras.

O artigo *O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais*, de Heloisa Helena Oliveira de Azevedo e Roseli Pacheco Schnetzler, publicado em 2005, traz uma discussão essencial sobre a relação entre cuidado e educação na formação dos professores da Educação Infantil. O estudo foi apresentado na 28ª Reunião Anual da ANPED.

A grande questão levantada por Azevedo e Schnetzler é a separação entre cuidar e educar, como se fossem coisas diferentes. Esse distanciamento impacta diretamente a forma

como os profissionais são preparados para atuar na sala de aula, muitas vezes a formação inicial foca mais em um desses aspectos e acaba deixando o outro de lado.

Para superar essa divisão, as autoras também defendem que é preciso um olhar mais crítico e integrado sobre o desenvolvimento infantil, isso significa que os futuros educadores precisam entender que ensinar não se resume a transmitir conhecimento e que um professor que sabe como lidar com o emocional e as necessidades básicas dos pequenos está na verdade, potencializando a aprendizagem deles.

Azevedo e Schnetzler também apontam que reformular o currículo dos cursos de formação é importante. Para preparar professores de forma completa, a teoria precisa estar conectada à prática desde o início e o aprendizado não pode parar na graduação, a formação contínua deve ser garantida para que os educadores possam evoluir e ressignificar suas experiências ao longo da carreira.

Em síntese, a mensagem do estudo é clara: o cuidado e a educação são partes inseparáveis do desenvolvimento infantil e ignorar essa relação significa comprometer a qualidade do ensino. O desafio é transformar esse entendimento em políticas e práticas que realmente façam a diferença na vida dos educadores e das crianças.

O artigo *Concepções e práticas de educadoras da pequena infância: em foco as fontes de saberes para o trabalho docente*, de Marynelma Camargo Garanhani, traz um olhar crítico sobre a formação de profissionais da Educação Infantil e aponta que muitos educadores que atuam na primeira infância não têm a qualificação necessária para esse papel tão essencial no desenvolvimento das crianças. O estudo foi desenvolvido na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Um dos pontos centrais do estudo também se faz da necessidade de integrar cuidado e educação na formação dos professores, falando que essa separação entre os dois conceitos ainda acontece em muitos cursos, o que gera um impacto na prática pedagógica. Da mesma forma, a autora destaca o papel das educadoras como mediadoras do conhecimento, com foco na relação das crianças com o próprio corpo e suas múltiplas formas de expressão, isso significa que o aprendizado não acontece apenas por meio da fala e da escrita, mas também por gestos, movimentos e interações.

A pesquisa busca entender como essas educadoras combinam diferentes fontes de conhecimento na hora de planejar suas aulas, Garanhani analisa como elas se apropriam das diretrizes educacionais e de que forma essas regras interagem com suas vivências e o contexto social em que atuam.

Um ponto interessante levantado no estudo é a importância do movimento corporal no aprendizado infantil, algo que muitas vezes é deixado de lado na formação dos professores. Outro ponto essencial que a autora também levanta é que a formação dessas educadoras precisa levar em conta a realidade em que trabalham, as práticas pedagógicas não podem ser baseadas apenas em teorias distantes do cotidiano.

Em síntese, o grande mérito desse estudo está em seu olhar crítico e construtivo sobre a Educação Infantil, reforçando a necessidade de qualificação e também fazendo uma reflexão sobre o equilíbrio entre teoria e prática.

O artigo *A gente é muita coisa para uma pessoa só: desvendando identidades de “professoras” de creches*, de Tereza Cristina Monteiro Cota, publicado em 2007, traz uma discussão fundamental sobre a identidade profissional das trabalhadoras de creche. O estudo foi apresentado na 30ª Reunião Anual da ANPED.

O artigo mostra que a formação dessa identidade não é algo fixo e sim um processo, influenciado por vivências, trajetórias de trabalho e contexto social. Muitas dessas profissionais enfrentam desafios diários para serem vistas como docentes de fato, pois há uma distinção entre ser considerada uma professora da Educação Infantil e uma trabalhadora de creche. Essa dificuldade de reconhecimento afeta diretamente a sua valorização, tanto nas condições de trabalho quanto na formação.

Para compreender essas diferenças, a autora utiliza a metodologia da História Oral, dando espaço para que as próprias trabalhadoras compartilhem suas experiências. Esse método permite que suas vozes sejam ouvidas, tornando a análise mais próxima da realidade e menos baseada apenas em teorias. A pesquisa também se apoia no conceito de *habitus* feminino, de Pierre Bourdieu, que explica como normas culturais e sociais influenciam a experiência das mulheres nesse campo. No caso da Educação Infantil, esse conceito ajuda a entender por que o trabalho dessas profissionais ainda é tão associado ao cuidado e não ao ensino.

O estudo investiga a construção da identidade profissional dessas mulheres e busca compreender como elas percebem suas próprias trajetórias. Cota destaca que essas trabalhadoras vivem uma tensão constante entre o que desejam ser e o reconhecimento que recebem da sociedade, a falta de formação adequada e a pouca valorização do seu trabalho nas creches dificultam esse processo, tornando o caminho para o reconhecimento profissional ainda mais complexo.

Outro ponto importante levantado pela pesquisa é que a história dessas profissionais ainda é pouco explorada, a autora sugere que mais estudos sejam feitos para aprofundar o entendimento sobre suas trajetórias.

Em síntese, o estudo reforça que ser educadora de creche vai muito além do que normalmente se imagina. Não se trata apenas de cuidar e nem de ensinar no sentido mais tradicional, é um trabalho que exige conhecimento, experiência e um esforço constante para conquistar um espaço que é um direito.

O artigo *Educação da Pequena Infância: Um Olhar sobre a Formação Docente*, de Moema de Albuquerque Kiehn, publicado em 2009 faz uma análise crítica sobre a formação de professores para a Educação Infantil. O estudo foi apresentado na 32ª Reunião Anual da ANPED.

Um dos pontos centrais do estudo é a estrutura curricular dos cursos de pedagogia. Kiehn argumenta que apesar de a Educação Infantil exigir uma abordagem própria, muitas vezes as disciplinas são organizadas de maneira ampla, sem foco suficiente no desenvolvimento infantil e nas práticas pedagógicas voltadas para essa fase. Na realidade, os cursos tendem a seguir abordagens convencionais, que enfatizam uma perspectiva mais ampla da educação, resultando em lacunas na formação dos professores. Isso faz com que muitos profissionais cheguem ao mercado sem uma base sólida para atuar com crianças pequenas.

Outro ponto importante também levantado por Kiehn é a necessidade de articular teoria e prática. A autora defende que a educação infantil não pode ser tratada como um simples estágio preparatório para o ensino fundamental, mas sim como um campo de estudo com suas particularidades e demandas, isso significa que a formação docente precisa ir além do ensino de técnicas pedagógicas e incluir uma compreensão mais profunda da infância, considerando os direitos e necessidades das crianças.

O estudo também traz um alerta sobre como a estrutura curricular dos cursos de pedagogia precisa de mudanças. Kiehn sugere que em vez de apenas adaptar conteúdos pensados para outras etapas do ensino, os cursos devem oferecer disciplinas que realmente contemplem as especificidades da Educação Infantil.

Em síntese, o que o artigo traz é uma reflexão: a Educação Infantil vem ganhando cada vez mais reconhecimento como uma fase determinante no desenvolvimento humano. Mas será que os professores estão sendo formados para atender a essa realidade? A pesquisa de Kiehn contribui justamente para esse debate, reforçando a importância de valorizar essa etapa da educação.

O artigo *O PROINFANTIL e a formação dos agentes auxiliares de creche do município do Rio de Janeiro*, de Marina Pereira de Castro e Souza, publicado em 2012, investiga como o programa PROINFANTIL impacta a formação e a identidade profissional dos Agentes Auxiliares de Creche no Rio de Janeiro. O estudo foi apresentado na 35ª Reunião Anual da ANPED.

O foco do estudo é analisar como essa formação impacta a visão que esses profissionais têm sobre seu papel na Educação Infantil e como isso se traduz em suas ações. Um dos principais pontos deste trabalho também é que a formação de professores para a Educação Infantil não pode se limitar a ensinar conteúdos teóricos e que é preciso que haja uma conexão real entre teoria e prática. O PROINFANTIL surge nesse cenário como um espaço importante de formação e troca de experiências, ajudando a fortalecer essa identidade profissional.

A autora também discute dois conceitos essenciais para entender esse processo. O primeiro é a identidade profissional, que está ligada a como os educadores se percebem e são percebidos, influenciando diretamente suas ações e escolhas pedagógicas. O segundo é a formação continuada, que reforça a ideia de que o aprendizado de um professor não termina na formação inicial, mas segue ao longo de toda a sua trajetória. Isso é fundamental, pois a Educação Infantil passa por constantes avanços, e os profissionais precisam continuamente se atualizar.

Os resultados da pesquisa mostram que o PROINFANTIL tem um impacto positivo na formação dos agentes auxiliares de creche, ampliando sua consciência sobre o papel que desempenham na educação das crianças pequenas. Porém, a experiência dessa transformação não é igual para todos, enquanto algumas pessoas observam alterações relevantes em suas práticas, outras ainda enfrentam barreiras que dificultam a execução do que aprenderam, isso se deve ao fato de que, além da formação teórica, existem desafios que muitas vezes limitam a atuação desses profissionais.

Outro ponto importante abordado no estudo é o reconhecimento social desses educadores, eles desempenham um papel essencial no desenvolvimento das crianças, e investir na sua qualificação não melhora apenas suas práticas pedagógicas, mas também fortalece toda a base da Educação Infantil.

O artigo também chama a atenção para a necessidade de políticas públicas que incentivem a formação continuada desses profissionais. A autora argumenta que um investimento maior nessa área pode trazer benefícios concretos para a qualidade da educação infantil, isso é relevante porque historicamente, os educadores que atuam na primeira infância

não recebem o reconhecimento nem o suporte adequado para exercer sua função da melhor maneira possível.

Em síntese, a pesquisa de Souza também reforça que formar um bom professor não é apenas transmitir conhecimento, mas dar condições para que ele construa sua identidade profissional e se sinta valorizado.

O artigo *Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?* de Ana Paula Rudolf Dagnoni, publicado em 2012, traz uma questão fundamental, que é: de onde vêm os conhecimentos que as professoras que atuam com bebês utilizam no dia a dia? O estudo foi apresentado na 35ª Reunião Anual da ANPED.

A pesquisa também parte do fato de que apesar da valorização da Educação Infantil, a formação acadêmica ainda não dá conta de preparar essas profissionais para os desafios reais do berçário. A autora busca entender como essas educadoras constroem seus saberes e como as experiências diárias moldam suas práticas pedagógicas.

Um dos principais pontos do estudo é que a maior parte do conhecimento das professoras de bebês vem da prática diária, isso significa que a troca entre professoras e a vivência do dia a dia acabam ensinando mais do que qualquer manual teórico.

Essa construção do conhecimento no cotidiano também tem um impacto na forma como essas profissionais se veem e infelizmente, em como são vistas. Enquanto as professoras da pré-escola são mais reconhecidas como educadoras, as que trabalham com bebês ainda são percebidas apenas como cuidadoras, o que reduz a importância do trabalho pedagógico no berçário e reforça a necessidade de maior valorização.

Outro ponto essencial do estudo é o papel das rotinas diárias no aprendizado dos bebês, atividades como a troca de fraldas, a hora do banho ou da alimentação podem parecer apenas momentos de cuidado, mas vão muito além disso. De acordo com Dagnoni são oportunidades ricas para criar vínculos, estimular a comunicação e desenvolver a autonomia da criança, pois enquanto realiza essa tarefa, a professora estabelece um contato. Tudo isso contribui para o desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança.

Dagnoni também deixa claro que a experiência prática das professoras de bebês precisa ser valorizada. Em vez de focar apenas em conteúdos teóricos, a formação dessas profissionais deveria incluir espaços para troca de experiências e aprendizado coletivo.

A pesquisa traz uma reflexão importante sobre o futuro da formação docente na Educação Infantil. O que acontece na sala de aula precisa estar mais conectado com a realidade da creche.

Em síntese, esse estudo também reforça que a educação dos bebês não é apenas sobre cuidar, mas sobre ensinar e para garantir um ensino de qualidade nessa fase, é preciso investir não só em conhecimento teórico, mas também no conhecimento que vem da experiência.

O artigo *As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras?* de Tacyana Karla Gomes Ramos, publicado em 2012, traz uma reflexão essencial de que os bebês não são apenas receptores passivos do ensino, mas protagonistas do próprio aprendizado. O estudo foi apresentado na 35ª Reunião Anual da ANPED.

Desde muito pequenos, eles interagem, demonstram interesses e constroem conhecimento de forma ativa. O estudo questiona a ideia de que todas as crianças aprendem da mesma maneira e destaca a importância de adaptar as práticas pedagógicas às particularidades de cada uma.

O ponto principal da pesquisa é entender de que forma as crianças interagem no ambiente escolar e como suas habilidades sociais aparecem nesse contexto. A autora reforça que os bebês possuem uma curiosidade investigativa natural e que suas interações são cheias de significado, mas muitas vezes essas capacidades não são devidamente valorizadas. Porém, se o professor não estiver atento a essas manifestações, pode acabar conduzindo a Prática pedagógica de forma isolada, sem levar em conta o que as próprias crianças estão demonstrando.

O problema das abordagens tradicionais é que elas tendem a tratar todas as crianças da mesma forma, isso pode tornar o aprendizado menos significativo. O que o estudo propõe é justamente o contrário, é a de uma educação centrada na criança, uma educação mais participativa, baseada na interação entre professores e bebês, em vez de um modelo onde apenas o professor ensina e a criança recebe a informação, a pesquisa sugere práticas que dão espaço para a participação ativa dos bebês.

Os resultados do estudo mostram que quando os educadores realmente observam e escutam os bebês, conseguem criar um ambiente muito mais acolhedor e estimulante. Professores atentos às expressões e interesses das crianças promovem um aprendizado mais rico. Essa visão mais sensível da Educação Infantil desafia a ideia de que o ensino nessa fase é apenas uma preparação para etapas futuras.

Em síntese, o estudo de Ramos traz que se quisermos transformar a prática pedagógica e garantir que os bebês sejam valorizados desde os primeiros meses de vida, precisamos repensar a forma como enxergamos a educação nessa fase.

O artigo *Professoras de Educação Infantil: uma análise da configuração da docência no contexto catarinense*, de Márcia Buss-Simão, publicado em 2015, investiga a formação e as condições de trabalho das professoras dessa etapa da educação, além de analisar como as políticas públicas influenciam diretamente a profissão. O estudo foi apresentado na 37ª Reunião Anual da ANPED.

Um dos pontos centrais do estudo é o impacto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), implementada em 1996, que trouxe mudanças importantes para a formação dos educadores e que apesar dos avanços, ainda há muitos desafios. Um deles é a construção da identidade profissional dessas professoras, já que a docência na Educação Infantil, historicamente, foi associada ao gênero feminino e à maternidade.

A autora também argumenta que a formação dos educadores precisa equilibrar teoria e prática, que não basta apenas conhecimento acadêmico, é fundamental que a preparação esteja conectada com os desafios reais das salas de aula. O artigo traz um conceito interessante, o da docência compartilhada, que é quando mais de um profissional atua na mesma turma (auxiliar e professora), destacando que essa estratégia pode tornar o ensino mais colaborativo e eficiente.

O estudo também busca oferecer informações úteis para que os municípios possam criar políticas públicas mais eficazes. Um dos pontos mais urgentes é a necessidade de formação continuada pois, sem isso, o trabalho na Educação Infantil pode acabar sendo reduzido a uma rotina sem espaço para inovação ou para atender melhor às necessidades das crianças.

Em síntese, esse estudo é extremamente relevante porque amplia o debate sobre a valorização da docência na Educação Infantil. Ele nos faz pensar sobre como a sociedade enxerga o trabalho dessas professoras e o que pode ser feito para que essa profissão receba o reconhecimento que merece.

5.1 Comparação

A Educação Infantil tem sido tema de diversas pesquisas acadêmicas, e esses dez artigos analisados trazem contribuições valiosas para a compreensão dos desafios e avanços dessa área. Esta análise comparativa busca identificar pontos em comum entre os estudos analisados, como temas recorrentes, metodologias adotadas e conclusões semelhantes.

Embora cada estudo tenha sua abordagem, alguns temas surgem com frequência, como a formação de professores, a construção da identidade profissional e a articulação entre

cuidado e educação. As pesquisas também trazem reflexões importantes sobre o impacto das políticas públicas e reforçam a necessidade de valorizar a Educação Infantil como uma etapa fundamental.

A maioria dos estudos aponta para a necessidade de um preparo mais adequado, que consiga equilibrar teoria e prática. As pesquisas indicam que os cursos de Pedagogia ainda não oferecem uma base para que as professoras possam lidar com os desafios concretos do ambiente escolar. Isso é destacado em estudos como o de Kiehn e Buss-Simão, que analisam a estrutura curricular e mostram que a formação acadêmica muitas vezes ignora as especificidades da Educação Infantil.

Outro ponto recorrente é a separação entre cuidar e educar, que aparece em pesquisas como as de Azevedo & Schnetzler e Garanhani. Ambas defendem que esses dois aspectos devem caminhar juntos, preparando os educadores para atender às necessidades das crianças.

Além da formação, a identidade profissional das educadoras também é um tema central. Autores como Gomes e Cota mostram que ser professora de Educação Infantil vai além da sala de aula. É um processo marcado por desafios como a sobrecarga de trabalho e a falta de reconhecimento. A pesquisa de Cota, por exemplo, utiliza a metodologia da História Oral para entender como as trabalhadoras de creche lidam com a desvalorização da profissão. Já Gomes analisa como essa identidade se transforma ao longo do tempo, influenciada tanto pela formação quanto pela experiência prática. Isso evidencia a necessidade de criar mais espaços para troca de experiências entre os educadores, permitindo que suas vivências sejam valorizadas.

Outro ponto forte nos artigos é a defesa da Educação Infantil como um direito essencial e não apenas como um espaço preparatório para o Ensino Fundamental. O estudo de Ramos enfatiza que os bebês são protagonistas do próprio aprendizado, desafiando a visão de que eles apenas recebem conhecimento. Da mesma forma Dagnoni analisa como as professoras de bebês constroem seu saber no dia a dia, valorizando a experiência prática tanto quanto o conhecimento acadêmico, isso reforça a ideia de que a Educação Infantil precisa ser pensada a partir das necessidades reais das crianças, respeitando suas formas de aprendizado.

Por fim, alguns estudos, como os de Silva & Rossetti-Ferreira e Souza, ressaltam o impacto das políticas públicas na qualidade da Educação Infantil. Elas apontam que as desigualdades educacionais estão diretamente ligadas à falta de investimentos e à forma desigual como os recursos são distribuídos. A pesquisa de Souza sobre o PROINFANTIL por exemplo, mostra como programas de capacitação podem ajudar na construção da identidade dos educadores e na melhoria da prática pedagógica.

Olhando para um todo, as pesquisas mostram que não basta apenas criar leis ou reformular currículos, é preciso investir na formação de professoras bem preparadas, que tenham tanto conhecimento teórico quanto experiência prática. É essencial também que essas profissionais sejam reconhecidas e valorizadas, para que possam desempenhar seu papel da melhor forma possível.

6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, partimos da questão central sobre os desafios enfrentados pelas professoras que atuam com bebês de 0 a 3 anos na Educação Infantil. Buscamos compreender se a formação inicial realmente os prepara para essa etapa e de que maneira essa formação influencia suas práticas pedagógicas. A análise dos artigos do GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos da ANPEd nos permitiu construir um panorama detalhado sobre essa realidade, destacando tanto os avanços quanto as carências na capacitação dessas profissionais.

Os estudos analisados reforçam o que foi dito, que embora a formação inicial ofereça conhecimentos teóricos importantes sobre desenvolvimento infantil, muitas vezes ela não proporciona uma base prática sólida para o trabalho com bebês, o que gera um cenário em que as professoras chegam às creches e berçários inseguras, sem saber como lidar com as demandas cotidianas dessa fase.

Além disso, um dos grandes desafios identificados foi a persistência da dicotomia entre cuidar e educar. Confirmando que ainda há uma visão equivocada de que a docência na Educação Infantil se resume a um trabalho assistencialista, focado apenas em garantir o bem-estar das crianças. Entretanto, os estudos analisados reforçam que o cuidado e a educação são indissociáveis e que a professora de bebês precisa ter um olhar atento para o desenvolvimento integral da criança, estimulando sua autonomia, interação e exploração.

Outro ponto recorrente nos artigos foi a necessidade de valorização da identidade profissional das educadoras da Educação Infantil. Muitas professoras ainda enfrentam desafios no reconhecimento de seu trabalho como docência de fato e a ausência de oportunidades de formação continuada e de suporte contribui para essa realidade, dificultando a construção de uma prática pedagógica mais qualificada.

Diante desse cenário, este estudo aponta algumas perspectivas para pesquisas futuras. Um dos caminhos é a análise de programas de formação continuada e de metodologias inovadoras que possam suprir as lacunas da formação inicial. Também é essencial investigar como políticas públicas podem contribuir para fortalecer a identidade profissional das educadoras da primeira infância e garantir que elas tenham acesso a formações mais alinhadas com as necessidades reais da sala de aula.

Portanto, este trabalho reforça a urgência de repensar a formação das professoras que atuam com bebês, garantindo que ela vá além da teoria e proporcione mais experiências práticas que preparem essas profissionais para os desafios reais da Educação Infantil.

7. Referências

- AZEVEDO, Heloisa Helena de; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. *O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais*. Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu/MG, 2005.
- BARBOSA, Ivone Garcia. *Educação Infantil e Formação de professores: relações e contradições entre trabalho, formação e Base Nacional comum curricular (BNCC)*. ANPED - Anais da 39ª Reunião Nacional (publicação eletrônica). Trabalho Encomendado. GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos, v. 6, 2019.
- BARBOSA, Maria Carmem. *As especificidades da ação pedagógica com os bebês*. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, nov. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender*. 1. ed. Brasília: MEC/SEB, 2016. 128 p. il. (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v. 2)
- BUSS-SIMÃO, Márcia. *Professoras de educação infantil: uma análise da configuração da docência no contexto catarinense*. Anais da 37ª Reunião Anual da ANPED: Florianópolis/SC, 2015.
- CESTARO, Patrícia Maria Reis. *Olhares para a formação dos cursos de Pedagogia das IES privadas de Juiz de Fora/MG: desdobramentos para o lugar da docência na creche*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 32-70, 2019.
- COTA, Tereza Cristina Monteiro. *A gente é muita coisa para uma pessoa só: desvendando identidades de “professoras” de creches*. Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu/MG, 2007.
- DAGNONI, Ana Paula Rudolf. *Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?* Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED: Porto de Galinhas, 2012.
- GOMES, Marineide de Oliveira. *As identidades de educadoras de crianças pequenas: um caminho do “eu” ao “nós”*. 2003. Tese de Doutorado.
- GOTTLIEB, Alma. *Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores)*. Psicologia USP, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, jul./set. 2009.
- GUEDES, Adrianne Ogêda; NASCIMENTO, Anelise; CARMO, Débora do; ARRUDA, Glacione Ribeiro da Silva; FERREIRA, Michelle Dantas; SALUTTO, Nazareth. *Sobre constituir-se docente da educação infantil: potências em experiências de formação*. 39ª Reunião Nacional da ANPED: Educação Pública e Pesquisa: Ataques, lutas e resistências. Trabalho apresentado no GT Painel temático. 2019. Universidade Federal Fluminense (UFF) - Campus Gragoatá. Anais... Niterói (RJ). Outubro de 2019. [s.p.].
- KIEHN, Moema de Albuquerque. *Educação da pequena infância: um olhar sobre a formação docente*. Anais da 32ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu/MG, 2009.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. *As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras?* Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED: Porto de Galinhas, 2012.

SILVA, Ana Paula Soares; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *Desafios atuais da educação infantil e da qualificação de seus profissionais: onde o discurso e a prática se encontram?*. Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu/MG, 2000.

SILVA, Juliana Lima. *Formação Inicial Docente: Com a Palavra, as Professoras da Creche*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, [s.n.], 2018.

SOUZA, Marina Pereira de Castro. *O PROINFANTIL e a formação dos agentes auxiliares de creche do município do Rio de Janeiro*. Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED, 2012.